

PERFORMATIVA POLÍTICA

MUT RÃO DE

PEDAGÓGICA MAGINAÇÃO



Erratório. Aula Imaginária Desejo de Rua Transpedagógico. São Paulo. Coletivo Parabelo. 2019.

## Considerações sobre o último Mutyrão:

No último Mutyrão, experimentamos o Erratório como ignição para uma possível revolta da carne do assento a partir de uma pedagogia a pé na qual o rolê emerge como uma crítica aos aspectos sedentários da educação. Tal sedentarismo pode ser lido como uma espécie de hábito cognitivo que procura assentar, por exemplo, determinados entendimentos de sujeito, arte e educação, em categorias prontas, dadas, autônomas. Por sua vez, tais assentamentos são responsáveis por fazer a manutenção de dicotomias como corpo e mente, arte e vida, educação e cotidiano, etc. Dessa forma, experimentar o deslocamento do corpo pela cidade, bem como, o deslocamento da cidade pelo corpo como via privilegiada para poetização do urbano e práxis educativa, parece nos colocar diante do desafio de pôr em xeque a própria autonomia do sujeito, a autonomia da arte e, de certa forma, uma espécie de autonomização da visão. Se atentarmos ao fato de que a arte e a educação estão constantemente implicadas com os vocabulários da emancipação, ao analisá-los com frequência encontraremos um certo elogio a autonomização da visão, sobretudo quando nos depararmos com certas metáforas do olho como, por exemplo, evidência, visão de mundo, olhar crítico, etc. Grosso modo, tais metáforas do olho apostam na tríade distanciamento-perspectiva-abstração como prerrogativas indispensáveis para a construção de um dado modelo de sujeito autônomo. No entanto, ao nos defrontarmos com essa espécie de olhar desencarnado, encontramos fortes indícios de que a ideia de autonomia do sujeito só é possível no plano da ficção, uma vez que, tal sujeito só aparece a partir de um forte aparato institucional. Desse modo, a ideia de um sujeito, ator, agente autônomo só é possível graças a expropriação das forças daquilo que é da ordem do político, do social e do coletivo que, por sua vez, são escamoteados por uma série de normas, condições e dispositivos institucionais - à exemplo daquilo que regula a separação artista, obra e espectador, noções caras para a chamada instituição arte, ou ainda, daquilo que arregimenta as distinções professor, aula e aluno no que diz respeito às instituições educativas. Nesse viés, as práticas que aparecem sob o signo do rolê apontam para o papel do movimento, da atenção e da percepção corporal como possibilidade de desestabilizar simultaneamente certas noções de autonomia do sujeito e autonomia da arte ao apostar no engajamento do corpo com o aqui e agora, a fim de romper com as linhas que apartam corpo e mente, dentro e fora, teoria e prática, tática e estratégia, masculino e feminino, arte e educação, conhecimento e vida.

## Local e horário do próximo Mutyrão:

Nosso próximo Mutyrão está marcado para o dia 11 de novembro de 2019, segunda-feira, das 17h às 20h, no Espaço Open Arts - Rua Quatorze de julho, 74, Bela Vista, São Paulo/SP.

## Proposta do próximo Mutyrão:

Neste Mutyrão daremos continuidade ao desenvolvimento da linha de força imaginária Plantação de Memórias Autoetnográficas, ao co-imaginarmos de que modo as práticas de narrar a si mesmo podem trazer à memória experiências que atribuem sentidos ao processo de nos constituirmos enquanto professoras/es, artistas, pesquisadoras/es. Assim, permaneceremos trabalhando a partir das memórias que emergiram em nosso último Mutyrão voltado a esta linha de força, as quais possibilitaram que renomeássemos a aula imaginária como "Eu não sou uma professora? Entre o passado e o presente, a ausência e a presença, a consciência e a memória". Desse modo, enfatizamos a problemática em torno da presença ausência de corpos docentes racializados e generificados que, em diferentes circunstâncias, são impossibilitados de serem reconhecidos de fato como docentes e ainda mais como artistas e pesquisadores. Nesse sentido, persistimos nas questões lançadas anteriormente em torno dessa linha de força imaginária: temos, realmente, nos dado conta das presenças ausências de professoras/es negras/os em nossa trajetória escolar? Que implicações históricas, sociais, culturais estão relacionadas a nossa ausência presença de percepção das marcas que estas/es professoras/es deixaram em nossos corpos? Por meio dessas indagações propomos a repetição do último exercício de imaginação realizado para esta linha de força. Portanto, ao longo dessa semana pedimos que revisitem os objetos de memória e relatos em torno de suas percepções a respeito das experiências com professoras/es negras/os no contexto escolar. Contudo, dessa vez, solicitamos que tragam esse relato escrito em uma folha de sulfite branca que não poderá ser dobrada e cuja parte escrita deverá ter no máximo uma lauda.

## Combinados para os próximos Mutyrões:

- O andaime ficou com Lucas Ferreira, que deverá lê-lo no próximo encontro.
- Gostaríamos de solicitar que a Ana Musidora, a Nathalia Pallos e a Valéria Ribeiro tragam seus relatos escritos em uma folha de sulfite branca, que não deverá ser dobrada. O relato deverá ter no máximo uma lauda.
- Também solicitamos que a Valéria Ribeiro traga o som do sinal escolar.

## Leituras para o próximo Mutyrão:

RACHEL, Denise Pereira. Fardos. In: Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer, tese de doutorado, UNESP, 2019, p. 191-231. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182305>

- Trata-se dos escritos Fardos, que compõe a tese de doutorado defendida pela integrante do Coletivo Parabelo, Denise Rachel que, por meio de uma abordagem autoetnográfica performativa, apresenta os fardos atribuídos histórica, social e culturalmente aos corpos negros e que performam o gênero feminino ao serem considerados corpos de extração e corpos indecentes. Dessa forma, esses corpos tornam-se inadequados enquanto docentes em um contexto escolar e, em âmbito geral, inadequados em relação a um entendimento moderno/colonial de sujeito.

SILVA, Denise Ferreira da. Before the event. In: Toward a global idea of race. Trad. Denise Rachel. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007, p. xi-xiv.

- Trata-se do prefácio do livro "Toward a global idea of race" (Em torno de uma ideia global de raça) ainda sem tradução para o português, escrito pela socióloga e antropóloga brasileira residente nos Estados Unidos Denise Ferreira da Silva. Neste texto de abertura, a autora expõe em uma escrita poética a problemática do processo de racialização como fundamento para a invenção do que ela nomeia homo modernus. Tal invenção também está associada ao processo de "naturalização", por meio de um aparato científico desenvolvido desde o século XIX, do genocídio dos jovens negros tanto no contexto brasileiro quanto no estadunidense.

MATTAR, Sumaya. Práticas de registro e processos de ensino aprendizagem da arte. Disponível em: [https://www.macunaima.com.br/cadernos/caderno\\_10/caderno\\_10\\_dossie01.pdf](https://www.macunaima.com.br/cadernos/caderno_10/caderno_10_dossie01.pdf) Acesso em nov. 2019.

- Trata-se de um artigo escrito pela professora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da ECA USP Sumaya Mattar, que desenvolve pesquisa a respeito da formação de professores de arte. Neste artigo, a autora trata da importância das práticas de registro como parte do processo reflexivo e de criação da práxis docente. A partir de uma abordagem cartográfica, Mattar apresenta diferentes possibilidades de utilização do registro na constituição de uma aula, tornando-se inclusive um modo de imaginar outras formas de planejamento e de atuação docente por meio da experimentação da escrita, do desenho, da colagem entre outras modalidades das artes visuais e da performance.